

Alexandre Marcelo Bueno  
*Pontifícia Universidade Católica*  
*alexandrembueno@gmail.com*

Regina Pires de Brito  
*Universidade Presbiteriana Mackenzie*  
*reginahelena.brito@mackenzie.br*

## **Português como língua estrangeira: difusão do português em contexto timorense**

**Resumo:** Este trabalho apresenta duas experiências de ensino da língua portuguesa em Timor-Leste. Separadas pelo tempo, cada relato mostra diferentes problemas e distintas situações a partir das necessidades sociais, culturais e históricas da língua portuguesa em Timor-Leste.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa, ensino, Timor-Leste, lusofonia, língua estrangeira.

### **Abstract:**

#### **Diffusion and teaching of Portuguese in Timor-Leste: two reports**

This paper presents two experiences of Portuguese teaching in East Timor. Separated by time, each report shows different problems and distinct situations from the social, cultural and historical needs of the Portuguese in East Timor.

**Keywords:** Portuguese, teaching, East Timor, lusophony, foreign language.

## **A língua portuguesa em Timor-Leste: um breve histórico**

A história da presença portuguesa em Timor-Leste é bastante longa<sup>1</sup>. Seu início pode ser fixado no ano de 1512, quando os primeiros portugueses desembarcaram na ilha. Desde então, Timor-Leste passou a fazer parte do império lusitano durante o período colonial, fornecendo sândalo (madeira aromática típica do sudeste asiático) entre outros produtos primários<sup>2</sup>.

O processo de independência timorense ocorreu no mesmo período das ex-colônias portuguesas na África. Em Timor-Leste, a manutenção da língua portuguesa já era considerada um consenso entre os diversos partidos políticos, como a UDT e a Fretilin, dois dos principais partidos timorenses [Forganes, 2002: 210]. No entanto, a continuidade da língua portuguesa foi praticamente interrompida após a invasão indonésia (1975-1999), responsável não apenas pela proibição do uso da língua portuguesa e pela imposição de uma nova língua (a bahasa indonésia), mas também pelo extermínio de parte considerável da população timorense.

Um dos fatores recorrentemente lembrados para a persistência do português no país foi o fato de a língua portuguesa ter sido adotada pela Resistência timorense, cravada tanto nas montanhas do país, na comunicação entre os pares, quanto às denúncias e apelos à comunidade internacional. A língua portuguesa é, portanto, tratada como um dos símbolos da resistência ao domínio indonésio, uma das marcas identitárias do timorense (ao lado da fé cristã) – fundamentais para assinalar a sua singularidade no contexto geopolítico em que se encontra.

Mesmo com essa função renovada da língua portuguesa, os prejuízos causados durante o período indonésio foram bastante significativos. Entre os absurdos provocados pelo regime militar indonésio

---

<sup>1</sup> Um dos textos mais completos e elegantes sobre a presença histórica da língua portuguesa em Timor-Leste até à ocupação indonésia está em Thomaz [2002].

<sup>2</sup> Para um aprofundamento na história de Timor-Leste, recomenda-se a leitura de Durand [2010].

durante a ocupação, podemos observar os riscos vividos constantemente pelos timorenses por meio do depoimento de D. Ana, professora timorense de língua portuguesa em 1975 (ano da invasão indonésia):

Muitos morreram porque eram professores de português, ou desapareceram depois da invasão indonésia. Eu mesma fiquei 24 anos sem lecionar. Tenho vergonha de falar um mau português, mas durante todos esses anos nós não tínhamos livros, revistas, radio, televisão, nada para praticar a língua. Eu esqueci muita coisa, é uma pena... [D. Ana *apud* Forganés, 2002: 432].

Depois de retomar sua independência em 2002, as autoridades timorenses decidiram estabelecer a língua portuguesa como língua oficial, ao lado do tétum<sup>3</sup>. Desde aquele momento, governo e sociedade timorenses têm buscado maneiras de difundir o uso da língua portuguesa em todas as esferas.

Como afirma Brito [2013], Timor-Leste permanece com um mosaico linguístico composto, por um lado, pelas línguas locais (de dois ramos linguísticos distintos – austronésio e papua) e pelo tétum (língua franca, nacional e oficial) e, por outro, pelo português (enquanto língua oficial sendo reintroduzida), pelo inglês (língua global e também do vizinho Austrália) e pelo indonésio (língua de toda uma geração de timorenses – a chamada geração Timtim). Com isso, é quase inevitável não haver uma tensão linguística que opõe diferentes gerações: as mais novas hoje falam tétum e aprendem o português nas escolas, enquanto outra geração fala tétum e indonésio e a geração da resistência timorense, com mais de 40 anos, fala (ou compreende) português ou pelo menos já passou pela experiência do contato com essa língua [Brito, 2013: 83-84].

É nesse contexto plurilinguístico que o ensino de língua portuguesa tornou-se obrigatório nas escolas timorenses e, nos últimos anos,

---

<sup>3</sup> É preciso, ainda, lembrar do importante papel exercido pelo linguista australiano Geoffrey Hull, cujo discurso proferido às lideranças timorenses foi fundamental para a escolha da língua portuguesa e do tétum como línguas oficiais do país naquele momento [Forganés, 2002].

na única universidade pública do país: a Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL). Contudo, os esforços do Estado timorense não são suficientes, por si só, para fazer a língua portuguesa ser uma língua usada por todos os cidadãos em situações variadas. Os auxílios de Portugal e do Brasil foram, e continuam a ser, imprescindíveis para auxiliar no processo de ensino da língua portuguesa aos jovens timorenses, em todos os segmentos escolares do país.

O presente texto tem por objetivo mostrar sua inserção no universo do ensino da língua portuguesa no país asiático. Assim, apresentar-se-ão duas experiências sobre o ensino da língua portuguesa em Timor-Leste: a primeira ação ocorreu no ano de 2001 (pouco depois da saída dos invasores e no período de Administração Transitória das Nações Unidas) com um processo de seleção, capacitação e acompanhamento de 170 timorenses para atuarem como alfabetizadores da língua portuguesa; a segunda atividade foi desenvolvida ao longo de 2012, na UNTL, com jovens recém ingressados na vida universitária.

Apesar do caráter “profissional” de todo texto que se insere na pesquisa acadêmica, é inevitável não transparecer igualmente traços da vivência pessoal de cada um dos participantes dessas experiências. Em outras palavras, a apresentação dos métodos e dos recursos utilizados para o ensino da língua portuguesa em território timorense se mesclará com impressões mais pessoais sobre as relações sociais em Timor-Leste.

### **O resgate da língua portuguesa após a independência timorense (2001)**

A difusão da língua portuguesa em Timor-Leste revela-se tarefa hercúlea por causa da precariedade de infraestrutura do país e da responsabilidade em relação à expectativa gerada. A experiência relatada nesta seção ocorreu em 2001, quando da seleção e preparação de timorenses para, naquele momento crítico da reconstrução histórica,

atuarem como alfabetizadores de jovens e adultos em língua portuguesa. Poucos dos participantes tinham exercido funções ligadas ao ensino; muitos deles tinham pouco mais de quatro anos de escolaridade – naquele momento pós-independência, a vida do timorense era plena de desafios: desemprego, péssimas condições habitacionais, pouca formação profissional. Traziam, contudo, o português na memória e o desejo de participar, ativamente, das transformações da vida timorense que recomeçava.

Antes mesmo de se trabalhar com a língua portuguesa em sala de aula, foi preciso clarear o espaço em que se estava adentrando. Assim, a primeira etapa (concomitante à necessária imersão na conjuntura sócio-histórico-cultural) consistiu no levantamento de dados relativos à fala e à escrita dos timorenses no contexto de uso do português. No momento de analisar as informações obtidas, procurou-se também utilizar o distrito de origem e a língua materna como variantes de influência para a produção linguística em português.

A partir dos dados, foi possível, então, observar quais elementos mereceriam maior atenção para tentar minimizar dificuldades dos timorenses no uso da língua portuguesa, tanto em sua modalidade oral como escrita.

As análises realizadas revelaram, na produção oral, dificuldades de articulação de alguns fonemas. Por exemplo, é comum encontrar a realização de consoantes sonoras no lugar de surdas ('zanela', 'zes-to', 'fuziu' *versus* janela, gesto, fugiu) e vice-versa ('faser', 'diser' *versus* fazer, dizer), além da desnasalização (como em 'dasar', 'lara-za', 'apredemos' *versus* dançar, laranja, aprendemos).

Viu-se também como a língua materna pode interferir no uso de uma língua estrangeira. Assim, foi possível observar que fenômenos dispares como processos de monotongação ('maoria', 'desado' *versus* maioria, deixado), metafoia ('futu-ru', 'pricisa', 'veiu' *versus* futuro, precisa, veio), supressão de fonemas no interior das palavras ('clonisar', 'supriores', 'plavras' *versus* colonizar, superiores, palavras) e troca de letras ('debois', 'comvernar', 'visavó' *versus* depois, governar, bisavó) podem configurar presença do tétum e de outras línguas locais no momento do uso da língua portuguesa.

Percebeu-se, também, alta frequência na troca de letras que podem representar o mesmo fonema ('brazileiros', 'corajem', 'eleisão' *versus* brasileiros, coragem, eleição), supressão de letras e sílabas ('aprentar', 'respeto', 'granto' *versus* apresentar, respeito, garanto) e processos de juntura ('aseguir', 'outravez' – por a seguir, outra vez) ou de segmentação ('a cima', 'em frentar', 'a onde' – *versus* aonde, enfrentar, aonde) que fogem ao português padrão. Além disso, foram registros frequentes (tendo, sempre, em conta como parâmetro a norma padrão do português): ausência de flexão verbal, de concordância (verbal, nominal e verbo-nominal); regência inexistente ou inadequada; dificuldades na compreensão devido à colocação dos termos na frase e ao emprego de palavras cujo significado não é apropriado ao contexto, como exemplificamos a seguir:

- Concordância: "O povo Timor Leste fizeram uma eleição para ser independe (...)"; "A língua portuguesa esquecime alguns partes uma parte ainda lembro uma parte não me lembra".
- Regência: "Eu gosto muito aprender a ler a falar escrever a contar língua portuguesa"; "(...) por isso peço ao senhora de corrigir os erros (...)".
- Ordem dos termos: "A língua portuguesa quando Portugal governar Timor os rapazes e os povos maior usaram".
- Desconhecimento de significado, produzindo sequências incoerentes: "Aqui em Timor ainda tem muito alfabetização, portanto, ainda precisa muitos elementos de professores".

Feita a análise dos dados e a seleção dos futuros alfabetizadores, a etapa seguinte foi a de preparação dos encontros de capacitação dos selecionados<sup>4</sup>, focalizando, essencialmente, o desenvolvimento das habilidades orais e escritas do uso da língua portuguesa pelos timorenses. Além das conversas informais realizadas dentro e fora do horário dedicado à capacitação, foram realizadas também atividades dirigidas para a expressão oral (como leituras, trava-línguas, canções, fala espontânea, entrevistas etc.) como forma de comprovar

---

<sup>4</sup> Os dados linguísticos foram apresentados de forma sucinta nesta seção. Para uma análise mais completa, remetemos a leitura de Brito [2013].

as dificuldades apontadas anteriormente, e principalmente como forma de conscientização das particularidades da fala produzida pelos professores timorenses (sempre tendo em vista que a norma do português utilizada é a europeia) e modos de adequação da pronúncia e da organização da fala.

Em relação à produção escrita, foram separados seis diferentes tipos textuais (dos mais cotidianos, como um relato do primeiro dia de aula e a tradução de um aviso em tétum, aos gêneros canônicos, como a narração, a descrição e a dissertação, passando também pelo poema) para mostrar as diferentes possibilidades de expressão escrita para os professores timorenses.

Com o pouco tempo para desenvolver essas atividades (cerca de um mês e meio), seria impossível solucionar muitos aspectos levantados no contato com os timorenses. De qualquer forma, foi possível mostrar-lhes particularidades da língua portuguesa, a existência de diversos usos e variedades dessa mesma língua e as diferenças (e relações) com as línguas de Timor-Leste. A experiência revelou que é imprescindível a preocupação com a expressão linguística; é preciso conscientizar os usuários de que cada sistema linguístico se estrutura diferentemente e, deste modo, a estrutura da língua portuguesa é diferente do tétum ou da bahasa indonésia e que as interferências são naturais e enriquecedoras. Mais: não há como ter um ensino de língua eficaz sem estabelecer uma relação com a realidade cultural que a utiliza e desconsiderando a visão de mundo que a língua revela. Vimos essa questão como crucial no contexto timorense, dado que o processo de ensino de língua portuguesa será bilíngue (melhor seria dizer multilíngue): muitas vezes, as explicações dadas pelo alfabetizador terão de ser em tétum, em língua indonésia ou em uma das línguas locais.

Cabe, por fim, destacar a vontade de aprender dos timorenses e também a consciência de seu papel na reconstrução do país. Com esses elementos, o trabalho foi desenvolvido com mais facilidade do que em outras situações, já que sem a predisposição para aprender, ouvir e ser ouvido, não há o que fazer em sala de aula.

## **O ensino da língua portuguesa no contexto universitário timorense (2012)**

Pouco mais de dez anos separam uma experiência de ensino da outra. No decurso do tempo, é preciso examinar quais as particularidades linguísticas que permaneceram na língua portuguesa utilizada por timorenses, que novos fatos linguísticos surgiram e quais se perderam no fio da história.

Uma diferença fundamental entre as duas experiências deve ser, inicialmente, anotada. Na universidade, foram dez meses de trabalho em solo timorense, mas em condições pouco propícias para o ensino, na medida em que os alunos tinham apenas uma aula de língua portuguesa por semana em turmas que ultrapassavam facilmente os sessenta alunos em sala de aula.

Algumas dificuldades específicas parecem ter permanecido na língua portuguesa utilizada pelos timorenses. Por exemplo, a ausência ou o uso inapropriado de preposições, concordância nominal, troca de letras, ausência de elementos coesivos, entre outros, foram alguns dos problemas encontrados na escrita dos estudantes universitários timorenses. A título de exemplo, são mostrados abaixo trechos selecionados de redações produzidas a partir do tema “Meu distrito”<sup>5</sup>:

“A minha Distrito tão pequena e mais linda tem montanha de Paicau, e tem ilha do Jaco o turista vai para visitar na minha Distrito”.

“Timor-Leste têm muitas lugares na area turismo como; area branca, estatua de Cristo-Rei, Monomento de João Paulo II na Tasi-tolu e também outros lugares que antigamente os portugueses fazerem no Timor-Leste como; Monomento de Lifau, Castilo de Maubara, eis prissão Antiga Balide e etc.”.

---

<sup>5</sup> Distrito é a organização administrativa logo abaixo do Estado nacional. Além do distrito, Timor-Leste possui também subdistritos e sukos (menor unidade burocrática do país, consistindo na reunião de aldeias em torno de um chefe eleito pelos moradores locais).



“O Distrito de Baucau cheiar também pisinha, pouzada, aeroporto de Baucau”.

“Aminha distrito Ermera que mencionado cada vez o distrito Ermera sempre alcanca objectivo o sistema politica para distribuição de proseso o produto de café na exportação de estrangeiro”.

Diante desse cenário, foi preciso também rever as expectativas em relação à aquisição da língua portuguesa pelos estudantes timorenses. Assim, foi necessário pensar que, a partir daquele momento, o objetivo deveria ser, antes de tudo, fazer o aluno gostar de expressar-se em português, procurando minimizar o receio, a vergonha e o medo de se comunicar em língua portuguesa.

O foco das aulas foi, desde o início, a *língua em uso*. Apesar das dificuldades de compreensão e da timidez que prejudicavam a exposição dos alunos, aos poucos, foram dominando a dinâmica dialogada das aulas, com perguntas e respostas, e perceberam que essa foi uma oportunidade de eles a utilizarem em sala de aula.

Desde o começo, tentou-se deixar o ambiente o mais confortável possível para o estudante timorense. Por isso, foi a partir das conversas que se tornou possível saber qual era a grande dificuldade no uso da língua portuguesa: o uso do verbo. Munido dessa informação, o primeiro gesto foi discutir e desenvolver a noção linguística de tempo (passado, presente e futuro) com os estudantes timorenses para, em seguida, mostrar como são utilizados os tempos verbais em língua portuguesa (focando, sobretudo, nos tempos mais utilizados). No final do primeiro semestre, foi elaborado um material específico sobre conjugação verbal, destacando a morfologia dos verbos regulares em suas três bases (-ar, -er, -ir) e também uma tabela com os principais verbos irregulares da língua portuguesa.

Mas as aulas não foram centradas somente na conjugação verbal do português. Partiu-se de elementos básicos, tal como são ensinados nas aulas de língua estrangeira. Foram feitos exercícios que simulavam formas de se apresentar e de como conhecer alguém em língua portuguesa. Esses exercícios foram feitos em dupla ou em trio e, pelo menos, os alunos pareciam se divertir bastante. Além disso, foram

feitas apresentações em grupo, a partir de propostas como “contar uma história de meu distrito”, “o que gosto de fazer no final de semana”, “a história de minha família”, “meu melhor amigo” etc. Esses temas também foram usados para exercitar a escrita em língua portuguesa com a realização de redações como atividade extra-classe (com as devidas orientações de organização textual).

Os exercícios de diálogo simulado e as aulas de uso do verbo foram usados também para se tentar criar uma individualidade entre os estudantes. Por exemplo, o ensino e o uso de verbos como “querer”, “gostar”, “pensar”, “crer” serviram para iniciar um processo de individualização entre os estudantes, que vieram de um contexto escolar no qual a liberdade individual de pensamento parece tolhida em favor da ideia de coletividade voltada para o desenvolvimento da nação timorense.

Foram ainda utilizadas lendas timorenses (encontradas na internet) para exercitar a leitura e a compreensão dos textos. Esse ponto foi importante para conhecer um pouco mais a cultura timorense e tentar valorizá-la junto aos estudantes. Outro material de apoio utilizado nas aulas foi a música brasileira, preferencialmente a música sertaneja. O sucesso desse estilo musical em Timor-Leste parece estar atrelado, por um lado, à história narrada pelas músicas que geralmente falam de amor, de família ou ainda da relação campo-cidade e, por outro, pelo fato de elas serem cantadas em um ritmo mais lento, com vogais mais alongadas, o que parece facilitar a compreensão para o aluno timorense.

Dessa experiência com estudantes da UNTL, foi possível perceber que houve uma pequena evolução no conhecimento e no uso da língua portuguesa por parte dos alunos. Evidentemente, essa evolução é ainda pequena diante do que é desejável para um falante autônomo e competente em língua portuguesa como língua estrangeira. De qualquer forma, tem-se a expectativa de que, com o ensino contínuo da língua portuguesa aliado à dedicação que os alunos mostraram ter, é possível prever que eles possam atingir um patamar muito bom de competência e de desempenho linguísticos até o final de sua graduação.

## Conclusão

Mesmo com todas as dificuldades de implementação e de condições de ensino e de uso, a língua portuguesa permanece entre as línguas utilizadas em Timor-Leste.

Apesar de todas as tensões presentes nas discussões sobre qual a língua que deve predominar em Timor-Leste no futuro, vale a pena ressaltar que, mesmo depois de grandes experiências violentas, o povo timorense dá mais uma vez provas de que a tolerância parece ser um dos traços que o caracteriza. Afinal, o português, o inglês, o tétum, a língua indonésia e as línguas locais coexistem no mesmo espaço geográfico e social em Timor-Leste. Sem dúvida, um dos fatores de unidade do país é a difusão de uma cultura luso-timorense – o que possibilita, como exposto aqui, a presença de docentes brasileiros auxiliando na alfabetização e na formação de jovens e adultos; de professores portugueses trabalhando com o ensino de língua portuguesa para a educação básica; de profissionais ligados às áreas social, técnica e educacional proveniente dos diferentes países lusófonos. Todos falantes do português, mas carregando consigo a diversidade dos usos que o sistema propicia, concretizando na vivência cotidiana a mistura de sotaques, vocábulos, construções do muito que nossa língua comum abarca.

Se a ideia de uma língua única não passa de uma utopia, o que se deve celebrar em Timor-Leste é a manutenção de um espaço de encontro com o diferente e com o estranho, com o mesmo e com o (re) conhecido. Essa característica mostra, assim, que é possível viver sem eliminar o outro, ideia que está na base do discurso de Geoffrey Hull, linguista australiano, defensor da oficialização da língua portuguesa no momento em que o seu país de origem realizava uma grande pressão para a adoção do inglês pelos timorenses:

Um programa linguístico inclusivo é o único remédio contra tendências políticas culturalmente contraproducentes que pretendem excluir uma ou outra língua. O que de verdade me parece importante é estabelecer as

prioridades justas, baseadas em factos culturais, prioridades estas que estão voltadas para o futuro mas que também não se esquecem do passado [Hull, 2001: 53].

### Referências bibliográficas

- BRITO, R. P. de (2013), *Língua e identidade no universo da Lusofonia – aspectos de Timor-Leste e Moçambique*, Terracota, São Paulo.
- DURAND, F. (2010), *História de Timor-Leste – da pré-história à actualidade*, Lidel, Lisboa.
- FORGANES, R. (2002), *Queimado queimado, mas agora nosso!: Timor: das cinzas à liberdade*, Labortexto Editorial, São Paulo.
- HULL, G. (2001), *Identidade, língua e política educacional*, Instituto Camões, Lisboa.
- THOMAZ, L. F. F. R. (2002), *Babel Loro Sa'e – O problema linguístico de Timor-Leste*, Instituto Camões, Lisboa.